

Folclore

GUARUJA', CENTRO DE FOLCLORE DO LITORAL PAULISTA

Agosto de 1976



AS TRADIÇÕES FOLCLÓRICAS
E O ARTESANATO DE GUARUJÁ

NO TRANSCURSO DE MAIS UM FESTIVAL DE
FOLCLORE E ARTESANATO DE GUARUJÁ,

A SAUDAÇÃO DO

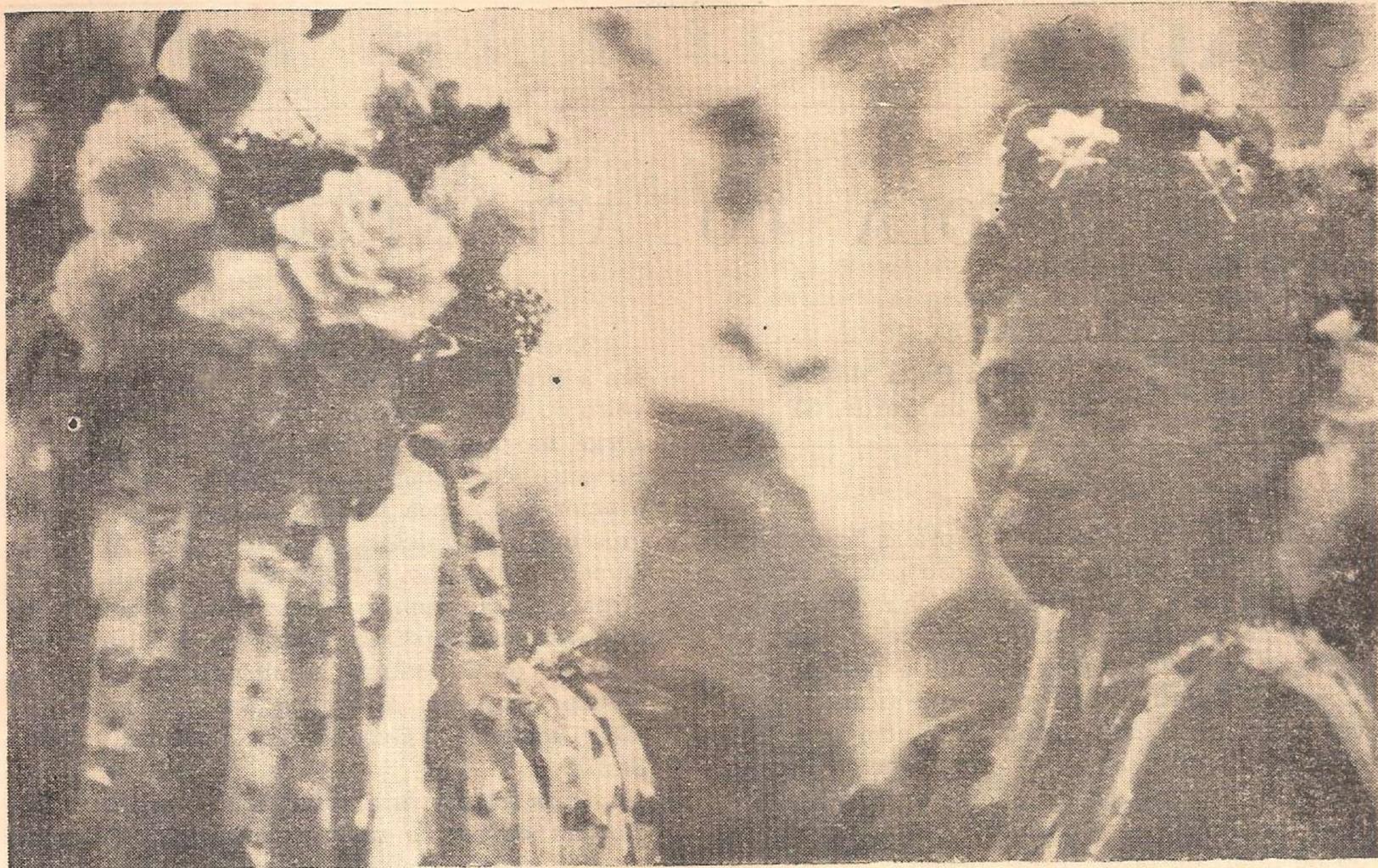
UNIBANCO

○ seu grupo financeiro

Av. Com. Puglisi, 330 - fones 9-0989, 9-0114 e

9-1652

GUARUJÁ



Reisado de Guarujá, manifestação permanente do Folclore local

Introdução

Dispõe o Art. 1.º do Decreto Federal n.º 56.747 de 17-8-65, «será celebrado, anualmente, a 22 de agosto, em todo o território nacional, o Dia do Folclore», acrescentando o Art. 2.º que os estabelecimentos de curso primário, médio e superior deverão promover celebrações que realcem a importância do Folclore na formação cultural do País.

O Governo do Estado de São Paulo, através do Decreto n.º 48.310 de 27-6-67, estabeleceu em seu Art. 1.º: «Fica instituído no Estado de São Paulo o mês de agosto como o Mês do Folclore».

A Prefeitura Municipal de Guarujá, a fim de dar cumprimento a estes dispositivos legais criou a Comissão Municipal de Folclore e Artesanato, pelo Decreto n.º 1485 de 7-12-69. As promoções desta Comissão têm merecido apoio e particular atenção da esclarecida administração do Exmo. Snr. Prefeito Municipal, Raphael Vitiello.

A Secretaria de Estado dos Negócios de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo, pela Resolução de 1-9-75, publicada no Diário Oficial de 2-9-75, oficializou os Festivais de Folclore e Artesanato de Guarujá por considerá-los de alto nível e merecedores desta distinção, incluindo-os ainda, a partir de 1976, no seu calendário oficial de eventos turísticos.

No exercício de suas atribuições, a C. M. F.A. vem realizando, entre outras manifestações, seus anuais Festivais de Folclore e Artesanato, que visam assegurar proteção às manifestações folclóricas, estimulando sua pesquisa e estudo bem como defender e preservar brinquedos, danças, folguedos, arte e artesanato da Ilha de Santo Amaro. O presente IX Festival de Folclore e Artesanato de Guarujá continua e intensifica este esforço em prol da cultura do nosso povo.

Baronesa Esther Sant'Anna de
Almeida Karwinsky
Presidente da C.M.F.A.

PÉROLA DO ATLÂNTICO

Laura Della Mônica
da Folha da Tarde, SP

Uma ilha de mar lindo e praias belíssimas. Uma ilha abrigadora, de tentação para o repouso e para ver o céu, os pássaros, as nuvens brincando de pegador com os papagaios que as crianças costumam soltar durante o período tradicional. Guarujá, ilha que está ficando cada vez maior, recebendo gente, gente com seus usos e costumes que se misturaram com os usos e costumes dos antigos moradores de Santo Amaro — os Guaíba — e misturaram também o modo de falar, de fazer cestos, peneiras, cóvos, balaios nas praias do Tombo, da Pouca Farinha, no Perequê, em Itapema. Sim, Itapema, lugar de gente que fala igualzinho aos nordestinos! Pudera! Essa gente veio de lá!

É. Itapema também cresceu e até trocou de nome: Vicente de Carvalho. Ali você conversará com Pai Bobó, na sua casa onde o culto sincrético africano é respeitado. E aos Domingos ouvirá cantadores, tocadores de viola com sua Literatura de Cordel, seu canto cheio de saudade da terra, lá do nordeste. E os doces? E as cerâmicas utilitárias ou ornamentais vindas de Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Bahia... com as supertições e crendices...

Guarujá com os grupos autênticos de Fandango, Pau-de-Fita, Reisado, Folia de Reis, Bum-ba-meu-Boi, Folia do Divino, Capoeira e Maculelê, Candomblé e os Chorinhos.

Guarujá e a festa em homenagem a Iemanjá; a procissão marítima para o grande "Chaveiro do Céu", na enseada do Perequê; para São Jorge na praia das Pitangueiras. O Grupo de Serestas, com seus violões plangentes, cantam o amor que nunca saiu de moda. Tudo isto pesquisado pela folclorista Esther Sant'Anna de Almeida, Baronesa de Karwinsky. Atualmente, e mais do que nunca, Esther conta com os seus colaboradores efetivos: Sec. da Educação, do Turismo da Prefeitura Municipal, Delegacia de Ensino, Ala 435, Mobral e Faculdade de Ed. "D. Domênico", Guarujá Praia Clube, Santa Emilia.

Para incentivar a nova geração os temas folclóricos da região são sempre lembrados pelos artistas plásticos e estudados por alunos e professores. Tudo isto numa caminhada de nove anos de verificação do dia-a-dia da Ilha de Santo Amaro.

Pois é. Durante o mês de agosto, mês do folclore, você terá oportunidade para ver, sentir, apreciar, gostar e amar as coisas do nosso Brasil. Verá tudo quanto acabei de dizer, sentirá o cheiro-cheiroso de certas plantas, apelará para a medicina popular, comprará cestas, peneiras, comida caçara e nordestina, e outras coisas.

Eis o painel, naturalmente surrealista, onde os Guaíba, os Tupiniquins, tamois, tupinambás e cariris, europeus, caçaras, negros africanos, num "popurri" de sons e tons, oferecerão o grande espetáculo:

O Folclore Brasileiro na Pérola do Atlântico.

Expediente

Redator Chefe

José Rodrigues

Colaboradores

Esther Sant'Anna de Almeida Karwinsky

Heloisa Serafe Coimbra

Léa Vinocur Freitag

Hélio Damante

Saul Martins

Capa: Giba

FOLCLORE DE GUARUJÁ

é uma publicação de
COMPLEMENTO EDITORIAL.

Oficinas: Rua Piauí 87
OURINHOS — São Paulo

ARTE COM TEMAS FOLCLÓRICOS

Escreve: Baronesa Esther Karwinsky

É o que artistas plásticos de Guarujá e Santos estão expondo no Guarujá Praia Clube durante o IX Festival de Folclore e Artesanato de Guarujá, diariamente, até 29 de agosto, das 16,00 às 22.00 horas.

A mostra se divide em seções de Escultura, Cerâmica, Arte do Esmalte e Pinturas.

Entre as esculturas em madeira destacam-se obras de José Ribeiro e Nascimento, que muito impressionaram o Prof. Saul Martins, da Universidade Federal de Minas Gerais, um dos conferencistas no recém-encerrado Seminário de Folclore de Guarujá. Diante de um Cristo crucificado e acorrentado, obra de José Ribeiro, exclamou o Prof. Saul: «mas esta obra, se estivesse em Belo Horizonte, estaria na Catedral». Aqui, está pendurada na humilde casa do artista na Vila Lígia e ignorada dos interessados por falta de divulgação... As obras de Nascimento, caçara do Perequê, são de inspiração exótica e possuem notável espontaneidade, plasticidade e equilíbrio, coisa de se admirar num homem simples, pescador e motorista de caminhão e de ambulância.

Ivo e Ivan são irmãos que trabalham o barro e com ele plasmam belas figuras de pescadores, tocadores de viola ou Pai João. Residem em Vicente de Carvalho. Outros trabalhos de barro são obra de Maria José Ojeda, cujas figuras alongadas e contorcidas lembram as fisionomias atormentadas do Aleijadinho, supremo artista da Pedra Sabão.

Na seção de cerâmica esmaltada, utilitária ou decorativa, podemos apreciar os trabalhos de Emilse, artista argentina radicada no Guarujá há vários anos e detentora de diversos prêmios.

A parte da mostra dedicada à Arte do Esmalte em cobre permite apreciar a constante pesquisa desta técnica milenar nos trabalhos de Carlos Marques, em temas que abrangem rituais de candomblé, jogos de capoeira, pescadores, procissões de barcos e peixes de nossos mares, enfim, sua reinterpretação de motivos do folclore brasileiro. Obras de Carlos Marques, como único representante oficial do Brasil, participaram da III Bienal de Limoges, França, em 1975 e lá deverão estar novamente em 1977, juntamente com as de sua mulher Veleda, que também já está amadurecida na difícil disciplina e técnica do esmalte sobre o cobre.

Em matéria de pintura em tela saliente-se uma obra de valor de "Amado", artista de Guarujá que trouxe para a tela um momento de grande expressão documental e folclórica, "A colheita de bananas", trabalho artesanal efetuado no Guarujá num passado ainda recente.

Outrossim, a C.M.F.A. convidou 19 artistas plásticos de Santos para participar desta coletiva de Arte que visa, precipuamente a busca e pesquisa de temas folclóricos brasileiros para seu aproveitamento nas artes plásticas. Com efeito, fixar na tela, no barro, na madeira, cobre ou qualquer outro suporte cenas do dia a dia do artesanato, de nossas festas folclóricas, religiosas ou profanas, de danças, folguedos, jogos, brinquedos ou rodas infantis é de suma importância, não só como documentário vivo, mas ainda para valorizar pela arte o que é nosso, daquilo que é Brasil, e que temos o dever de amar, preservar e divulgar.

Reportagem "JANGADA"

Especialidade em casamento - filmagem em 16 e 8 m/m sonora e reportagens em geral

Raimundo Rodrigues Moreira

(BAÍA)

FOTÓGRAFO E CINEGRAFISTA

Rua Petrópolis, 136 — Fone 9-3136
GUARUJA' — São Paulo

Carlos Marques

Textos de Heloisa Serafe Coimbra

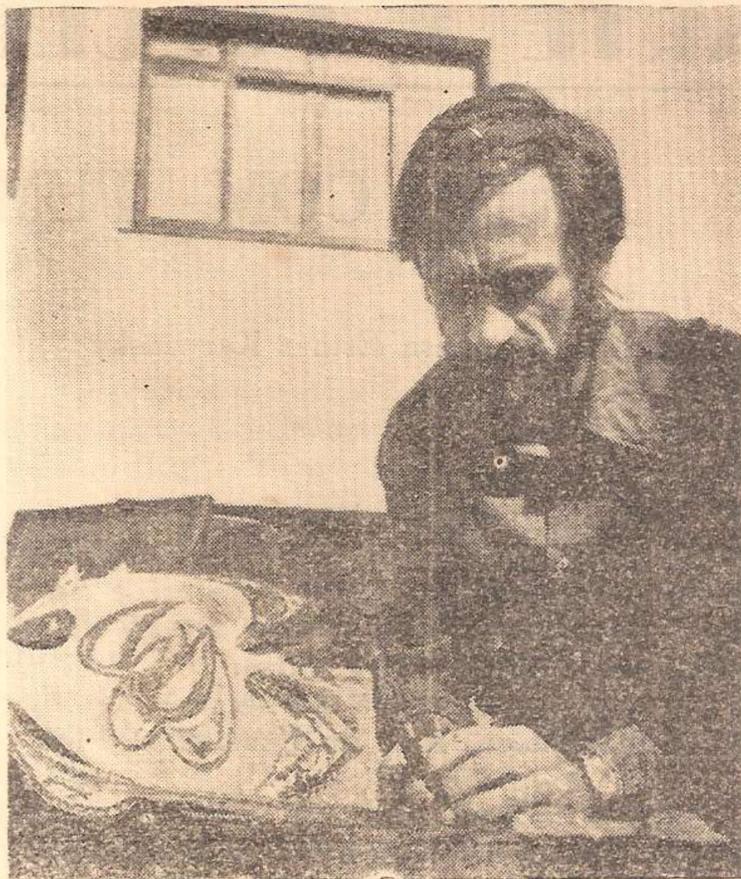
Na Amazonia ele fez alpinismo — tentou chegar ao topo do Pico da Neblina — e também um levantamento dos leprosos para as Cáritas. Mas a principal finalidade da viagem foi andar de carona. Foi de carona também que ele conheceu quase toda a América Latina.

“Naquele tempo ainda não existiam “hippies”, talvez eu tenha sido um dos precursores. Ainda era fácil também pegar carona”. Carlos Marques Ramos Figueiredo, sempre teve “côcega no pé”. Por isso conheceu muita coisa do Brasil, principalmente pobreza e alegria. “Creio que transmito tudo isso no meu trabalho. E também a liberdade reprimida deste povo, desta gente que gostaria de fazer tantas coisas que não pode fazer”.

Talvez existam no Brasil, vinte pessoas que fazem a mesma coisa que Carlos Marques: ele pinta com esmalte em cobre. Mesmo assim, dez dessas vinte fazem apenas bijouteria. “A restrição nesse campo, é unicamente por falta de conhecimento. Mas creio que agora ele está se abrindo. Pelo menos tive essa impressão, quando a faculdade de Belas Artes de Salvador me convidou para uma exposição. Existem muitos alunos interessados, querendo aulas sobre esmalte em cobre”.

Quando representou o Brasil na última Bienal de Esmalte, em Limoges, recebeu muitos pedidos de informação sobre esmaltadores brasileiros. Mas nada pode dizer a respeito, exceto que existem pouquíssimos. «O brasileiro ainda não está preparado para o esmalte. Para falar a verdade, a maior parte dos meus trabalhos estão no exterior. Aqui mesmo só os peixes, que tem um aspecto mais decorativo. Isso é um reflexo da forma geral do brasileiro encarar o trabalho artístico: decoração e investimento. Ninguém compra um Volpi, por exemplo, porque gosta das suas bandeirinhas. Compra porque daqui há um ano ele estará valendo o dobro».

Carlos Marques é um homem magro, quase franzino, nascido em Alegre, que define apenas como «a terra do Carlos Imperial», e que foi criado numa fazenda. Depois ainda criança, mudou-se para Petrópolis. Gosta de viajar e da liberdade, «Acho que expressei isso nas minhas gaivotas, para quem a tempestade é uma prisão».



ESMALTE SOBRE COBRE, SUA ESPECIALIDADE

Sempre gostou do convívio com o povo e em todas as suas viagens procurou o que de mais popular havia em cada local. «Por isso mesmo, gosto de viver isolado. Uma vez ou outra tiro uma folga e me meto no meio do povo».

Ele mora no Guarujá há alguns anos e é casado com outra artista, Velede, que gosta de trabalhar com madeira, mas «de vez em quando dá uma força no meu trabalho». Tem dois filhos. «O mais velho já viajou tanto que vai ensinar geografia para os professores». Mas é o mais novo quem revela tendências artísticas.

Além do cobre esmaltado, sua outra paixão é o alpinismo. Por isso fez parte de uma das primeiras expedições ao Pico da Neblina. «É muito bom porque se sente cansaço físico e paz de espírito. Sou mais ou menos louco por alpinismo. Mas me falta tempo para isso».

Não tem um estilo definido, mas se considera figurativo, usando como temas principalmente as manifestações folclóricas de Guarujá.

No momento está trabalhando numa série de quadros inspirados na Procissão de São Pedro, da Praia de Perequê.

«Guarujá é muito rico em folclore, o que dá ótimo material de trabalho». Antes do cobre esmaltado, ele trabalhou com couro, madeira, mas «o esmalte é apaixonante».

Em sua casa, no Jardim Las Palmas, na Praia do Tombo tem um atelier, onde vende além dos seus trabalhos e dos de Velede, peças dos artezãos de Guarujá. Aprendeu sozinho a mexer com cobre e esmalte, lendo e cada vez mais se aperfeiçoando e se aprofundando nos temas folclóricos de Guarujá, de onde, a cada festa popular, tira uma remessa de quadros.

MODAS GUARU LTDA.

Alta moda esportiva para homens, senhoras e crianças

Saúda o município de Guarujá pelo sucesso
alcançado em seu IX Festival de Folclore
e Artesanato

Rua Mário Ribeiro, 733 - - Fone 9-0526 - - Guarujá

Na realização do IX Festival de Folclore e Artesanato de Guarujá, a saudação da

FARMACIA GUARUJA'

DROGAS E PERFUMARIAS

Machado & Cia. Ltda.

Rua Mário Ribeiro, 835 - Fone 9-0511
GUARUJA'

Administração de Bens Barão S/C Ltda.

Parabeniza os incentivadores de todos os movimentos folclóricos de Guarujá.

Av. General Rondon, 30 - Sobreloja
fone 9-1804 - Guarujá

Nascimento Feliciano

Hoje em dia ele dirige a ambulancia do Pronto Socorro de Vila Júlia. Mas também é um dos artesãos mais premiados de Guarujá. Mora num casebre de madeira muito simples, na Praia do Perequê, correndo o risco de ser despejado a qualquer momento, pelo proprietário das terras. Nem por isso se preocupa.

Nascimento Feliciano é um homem calmo, de 35 anos de idade, moreno, que gosta de esculpir figuras em madeira. E o faz muito bem. Revela essa tendencia desde pequeno, conforme conta sua mãe, dona Maria Conceição: "Já naquele tempo ele gostava de mexer com a madeira. Pedia todos os carretéis de linha que eu tinha e com eles fazia carrinhos e caminhõezinhos para brincar. Mas eram coisas muito bem feitas. Ele ficava quietinho num canto esculpindo com o canivete. Fazia também gaiolas de bambu que eram uma perfeição. Sua maior alegria foi quando o pai lhe deu um jogo de carpintaria de brinquedo".

Mas naquela época Nascimento ainda não pensava em ser escultor. Era apenas um garoto simples de Miracatu — litoral sul do estado — que gostava de fazer coisas bonitas na madeira.

Em 1952 mudou-se com a família para o

Guarujá, onde conheceu Sérgio Ricardo, "um cara engraçado que é cantor, ator e produtor de cinema". Sérgio Ricardo estava planejando um filme na época, "Juliana do Amor Perdido". Conversando com Nascimento, ele disse que precisava de um cenário para a montagem, mas que não podia pagar muito.

Nascimento prontificou-se a fazer o cenário para o filme, apenas "com o ordenado que a prefeitura me pagava". Mas quando as peças ficaram prontas, o produtor gostou tanto que deu-lhe uma gratificação.

O filme foi rodado em Piracicaba e Nascimento seguiu com o grupo de atores e técnicos para lá. "Foi então que conheci "seu" Camélio, um senhor já de idade que esculpia coisas também. Gostei muito de vê-lo trabalhar. Ele esculpia e pintava. Achei as coisas que fazia muito bonitas e pensei que poderia fazer algumas coisas na madeira também".

Foi assim que Nascimento fez sua primeira peça de artesanato, um feiticeiro africano. Isso foi há seis anos. De lá para cá vem se aperfeiçoando, passando todo o tempo disponível na pequena oficina — apenas um banco de madeira no quintal de sua casa — trabalhando com o formão e o canivete em pedaços de madeira.

A Comissão Municipal de Artesanato e Folclore, de Guarujá, se interessa muito por ele. Não há exposição de artesanato na cidade em que Nascimento não esteja inscrito e não ganhe premios. Já expos suas peças na Praça Roosevelt em São Paulo duas vezes e tem trabalhos também na Argentina.

Mas ele não pode dedicar todo o seu tempo ao artesanato, como gostaria. Tem a mulher e tres crianças para sustentar. Por isso trabalha vinte e quatro horas seguidas dirigindo a ambulancia do Pronto Socorro, sob tensão constante, pois a vida do paciente — que muitas vezes tem que ser removido para Santos — depende dele.

Não copia nada, mesmo porque não consegue: "Se vejo alguma coisa bonita, tenho vontade de colocá-la na madeira. Mas quando começo a esculpir alguma coisa acontece comigo e a madeira vai tomando outra forma. Por isso, prefiro fazer coisas que saem da minha imaginação".

Uma Iemanjá sem o braço direito — Venus De Milo? — um velho chinês, um santo. Na maioria são peças grandes de um a dois metros de altura. Mas tem muitas pequenas também. "Depende do pedaço de madeira que eu encontro".

Ele vende praticamente tudo o que faz, no atelier de um outro artista de Guarujá, Carlos Marques. Não sente nada de especial quando está esculpindo, mas sabe que tem que trabalhar na madeira. "É o material que se adapta a mim. Já tentei o barro, mas não gostei. Bom mesmo é desbastar a madeira com o canivete e o formão, ver a figura surgindo de um pedaço de pau e saber que foi a gente que fez".

GUARUJÁ,

Cidade acolhedora e humana

Terra que preserva seu folclore

Nossa Homenagem

BANCO NACIONAL
AGÊNCIA GUARUJÁ

Gerente - Arlindo Spinelli

Rua Petrópolis, 75

Maria José Ojeda

Maria José Ojeda passou sua infância na lama. Enquanto as outras crianças brincavam atirando o barro umas nas outras, ela, sentada sozinha num canto, moldava panelinhas e bonequinhos. Esse foi o primeiro modo que encontrou de dar vazão àquela imensa vontade que tinha de fazer surgir alguma coisa bonita da argila.

Era então apenas uma garotinha simples de Presidente Prudente. Sua mãe morreu quando ela tinha quatro anos e meio e logo em seguida o pai casou-se novamente. "Meu pai era um homem muito bom, simples, era um lavrador".

Enquanto a família tinha algumas economias tudo correu normalmente. Porém, quando essas economias se acabaram, a madrastra "colocou nós todos para fora de casa". Ela tinha apenas seis anos, mas mesmo assim, seu pai, influenciado pela mulher, "me deu para uma família criar, que nem um cachorrinho".

Separada dos irmãos, ela sentia mais falta do pai, "que também gostava de esculpir coisas. Foi ele quem me ensinou. Fazia bonequinhos de madeira para eu brincar".

Foi morar na casa de uma família italiana, onde foi muito judiada. Mesmo assim, passava todo o tempo que podia no barro, fazendo bonecos. "Às vezes essa minha madrastra italiana achava graça das coisas que eu fazia. Mas quando estava de mau humor e eu chegava em casa suja de lama, me batia".

Ela se lembra do nome do juiz que a tirou daquela casa e a colocou numa outra: "Foi o doutor José de Oliveira. Ele me colocou na casa de uma família portuguesa que me tratava um pouco melhor". A essa altura ela tinha 13 anos e era órfã de pai há seis.

Sua nova madrastra colocou-a na escola e ela completou o primário. Mas Maria José não quis continuar seus estudos. Achava-se "muito velha" para frequentar aulas. Mais tarde a família mudou-se para uma chácara. "Pelo meio do sítio passava um rio e quando minha madrastra se esquecia de mim, eu estava lá, naquele barro que era muito bom para fazer bonecas".

De lá, a família transferiu-se para Regente Feijó, "uma cidade maravilhosa onde conheci João Antonio, que é o meu marido". Ele, de uma família numerosa e "bem de vida" da cidade, era marceneiro. Foi um casamento bonito, do qual nasceram quatro filhos.

Ela havia parado de esculpir no barro, porque "isso não é coisa para moças nem para se-



A ARTE FEITA DE BARRO

nhoras casadas. Pelo menos era isso que todo mundo pensava". Em 1966, Maria José mudou-se com a família para o Guarujá. No mesmo ano conseguiu um emprego no Colégio Jardim Primavera, como servente pois precisava ajudar o marido no sustento da casa. De lá, foi transferida para o Instituto Santa Emília, onde os alunos recebiam aulas de Introdução Artística.

Um dia, a diretora educacional, dona Mercedes, pediu que ela amassasse o barro que os alunos utilizavam para as aulas. Era fim de ano e a escola estava preparando um presépio. Mais que depressa Maria José aceitou, pois, "havia chegado onde eu queria. No barro."

Sózinha, em algumas horas apenas, ela fez um presépio completo, que "todos acharam maravilhoso". Com esse trabalho, participou da 1.ª Exposição de Presépios, realizada na prefeitura de Guarujá e ganhou o primeiro prêmio.

Hoje ela tem sete troféus, de todas as exposições em que tomou parte. Gosta do barro, por ela, "passaria a vida toda mexendo nele". O marido agora já está aceitando o fato de ser ela cada vez mais conhecida, porque no princípio, "ele não gostou muito".

Em sua casa simples, no conjunto habitacional de Vila Rosa, ela trabalha com a argila fazendo sereias, meninas, pescadores e santos, que são os seus preferidos.

Do artesão ao artista

SAUL MARTINS

Artesão é aquele que, com emprego de material disponível, faz objetos de uso rotineiro, à mão ou com auxílio de pequenas ferramentas ou aparelhos simples, não repetidores. Sabe fazer todas as parcelas da criação plástica, desde o preparo da matéria-prima à obra acabada. A busca do útil é o móvel que o aciona a fazer, embora na ação possa encontrar também o belo, cujos conceitos não se contradizem. Muito pouca arte não está associada a algum objeto de utilidade, ensina Herskovits. Desse modo, cria utilidades que ao mesmo tempo, muitas vezes, corresponde a uma expressão estética.

Como consequência das faculdades de inventar e fazer do homem, o aparecimento do artesão coincide com o início da pré-história, cuja idade se aproxima da casa dos 2 milhões de anos. O osso e o marfim eram já empregados na confecção de pontas e farpas, desde o paleolítico superior, quando o homem ainda lutava com o mamute e o urso das cavernas.

Para a construção do templo de Salomão foram contratados, principalmente no reino de Tiro, centenas de artesãos, que trabalharam a pedra bruta, o bronze e a madeira.

José, esposo de Maria, era artesão e muitas vezes contou com o auxílio de Jesus. A Mãe Santíssima fiava e tecia e ainda costurava, à mão, as vestes da família.

Bastante valorizado na Idade Média, o artesão nessa época foi modelo de vida profissional e moral.

Com o advento da era industrial, embora prestigiado nas pequenas comunidades, o nível social do artesão caiu muito. Felizmente no Brasil, agora se esboça nova e definitiva ascensão de seu "status".

Ressalte-se que perduram hábitos corporativos em sociedades de folk, onde as mudanças se operam lentamente. Em muitos lugares, o mestre-artesão castiga ainda com a fêrula o aprendiz faltoso, de quem são exigidos serviço gratuito por um ou dois anos, obediência e tratamento respeitoso, chamando-lhe mestre, nas poucas vezes em que dirigir a palavra a ele, já que o aprendiz trabalha sob orientação de um oficial, antigamente denominado companheiro, isto é, aquele com quem comia pão.

A aprendizagem é informal: aprende-se a

fazer fazendo, vendo alguém fazer e ajudando-lhe nas tarefas simples, desenvolvendo-se em função do próprio esforço, habilidade manual e perseverança. A experiência cotidiana do artesão no artesanato de sua livre escolha constitui garantia de sucesso para o domínio da arte.

Outra sobrevivência medieval é o segredo de certas técnicas, não transmitidas a iniciados ou aprendidas a duras penas, através de repetidos ensaios e erros. Por exemplo, as violas de Queluz são privilégio da família Salgado, de Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais, a qual conserva ocultos os processos de preparo da madeira e feitiço, que dão a esses instrumentos fama nacional.

A maneira de obter e fixar corantes ou de interpretar o repasso entre tecelões são fórmulas secretas só reveladas em circunstâncias muito especiais, ou mediante recompensa.

Conta-se que um ferreiro chamado Camões, estando enfermo, não podia executar uma encomenda. Tentando suprir a falta do mestre, seus aprendizes clamavam desconhecer o processo de caldear, no exato momento de o fazer. Tamanha a afobação que a peça incandescente escapa-lhes da tenaz e cai sobre um monte de areia que havia ao pé da forja. Realiza-se, então, o processo, um milagre, talvez. Bradam eles uníssonos, perplexos:

— Caldeou! Caldeou!

Fora descoberta, ao acaso, a sigilosa técnica: é na areia que se caldeia o ferro em brasa.

Exceto pequeno número de casos de experiências não-econômicas, o artesão deve ser acionado a fazer o que tem certeza de vender ou de ser utilizado, em sintonia com o estilo de vida, porque seus objetos correspondem às solicitações do meio, significam expressividades coletivas, regionais ou locais.

Decorrido algum tempo de prática artesanal, a estrada do artesão se bifurca, sendo que a escolha do ramo vai depender de algumas variáveis, três das quais sobressaem — habilidade manual, idéia criadora e expansão do mercado consumidor. Quando a procura cresce muito, o artesão pode interessar-se pela produção, tornando-se empresário; nas mais vezes, porém, busca a expressão, tornando-se artista.

Insistamos num dado relevante: em qualquer dos casos, começa-se artesão.

Os artesãos representam o quarto escalão da força produtiva nacional, depois do trabalho agro-pastoril, da indústria pesada e maquinofatureira, e da atividade extrativa.

Folclore e Turismo Cultural em Guarujá



Guarujá, "centro de Folclore do litoral paulista", afigura-se atualmente como verdadeiro laboratório para a implantação de um turismo cultural, tendo em vista a defesa da cultura espontânea.

O turista que se fixa avidamente, comprando imóveis e buscando um estilo de vida sofisticado e saudável, provém de uma classe média alta emergente, com condições de ser conscientizado para os problemas da comunidade que ele passará a integrar.

A situação de contato entre os estilos de vida da população local e do turista pode ser efetuada sem destruição da cultura popular, se forem evitados os erros, abusos e deformações, que tornaram caóticas e descaracterizadas tantas regiões brasileiras, saturadas por um turismo mal orientado.

Há vários anos acompanhamos o trabalho sistemático e ininterrupto da Comissão de Folclore e Artesanato e a liderança de sua Presidente, Dra. Esther Sant'Anna de Almeida, Baronesa de Karwinsky. Participamos anualmente de seminários e palestras, sendo que em agosto de 76 realiza-se o IV Seminário. É oportuno que esse encontro centralize suas discussões no Turismo Cultural relacionado ao Folclore, porque não pode ser minimizada a abertura de Guarujá nos últimos tempos a novos contingentes de turistas, com as consequentes transformações a serem orientadas.

Nossa vivência há vários anos se estende também ao papel de turista, que passa férias e fins de semana, e observa na conversa descontraída da praia o perfil do velho e do novo frequentador de Guarujá.

Sentimos, portanto, bem de perto a importância, a urgência e a oportunidade de Folclore e Turismo se darem as mãos na defesa da cultura popular. Turismo cultural não é diversão,

mas instrumento de educação e fonte de renda para conservação e divulgação do patrimônio popular.

Outro fator favorável, que se acrescenta como mais um privilégio de Guarujá, é a existência de um grupo de professores e universitários interessados na discussão dessa problemática. De fato, há quatro anos amadurecem esses debates, com a presença de especialistas de diversos Estados.

Há estímulo, portanto, para a organização de grupos de trabalho unindo Turismo e Folclore, com vistas à perspectiva acadêmica. As pesquisas de campo merecem ser efetuadas, havendo em Guarujá regiões interessantíssimas, como Vicente de Carvalho, com influência nordestina recente, que deve ser avaliada e orientada.

Religião, artesanato, música, enfim, todas as áreas de cultura material e espiritual clamam por uma defesa honesta, que é a defesa do próprio homem, devorado pela expansão impiedosa e irreversível da máquina, da ganância e da destruição generalizada.

O artesanato já está sendo encarado como atividade de importância econômica e social, e o turista vem amadurecendo no sentido de valorizar o que é autêntico e representativo. Cabe às autoridades de Folclore e Turismo, unidas, explorar esse filão, proporcionando um meio digno de o artesão colocar ao alcance do turista o fruto da sua criatividade.

Por todas as possibilidades pioneiras que vislumbramos e pela constância de Guarujá na conscientização desses problemas, acreditamos que seja possível, nesse laboratório de choques culturais, evitar distorções e criar modelos a serem seguidos por outras comunidades.

Léa Vinocur Freitag

Museu, um sonho realizado

Desde que começou a trabalhar na "questão do folclore", Esther Sant'Anna de Almeida, Baronesa de Karwinsky, coleciona peças artesanais. Isso há mais de nove anos. No início era fácil guardar as peças, que iam enfeitando os comodors de sua casa.

Mas com o passar do tempo, o número de peças foi se avolumando, enchendo a casa, as casas dos parentes, não havia mais lugar. Eram peças coletadas em várias partes do Brasil e era preciso um lugar adequado onde elas pudessem ficar.

Quando estive em Natal, conversando com o folclorista Luiz Camara Cascudo, contou-lhe o problema. Ela havia presenteado o colega com um peixe de cipó trançado, característico do litoral paulista. Em troca, Camara Cascudo havia lhe dado uma moringa de barro, em forma de mulher, cuja cabeça era a tampa.

"Era uma peça realmente bonita e eu lamentei não ter um lugar onde colocá-la. Então, ele me aconselhou a reunir as peças que eu tinha em qualquer lugar, um galpão, um quarto, o importante era reuni-las".

De volta ao Guarujá ela entrou em contato com Antonio Thiago de Carvalho, presidente do

Guarujá Praia Clube. Antes ela havia tentado conseguir uma sala na prefeitura, mas sem sucesso. Thiago de Carvalho disse-lhe que o clube poderia ceder um salão localizado entre o primeiro e o segundo andar. Ela aceitou.

Assim nasceu o Museu de Folclore do Guarujá. As prateleiras foram feitas por amigos de Esther de Almeida, que perceberam a importância do museu e quiseram colaborar. No ano passado, em 30 de julho — Dia de Guarujá — o museu foi inaugurado.

Hoje, o salão do Guarujá Praia Clube já é pequeno para acomodar o número de peças do acervo. "Cada vez temos mais peças, pois além de recolher objetos quando viajamos, recebemos outros, de presente, de pessoas que sabem da existência do museu e querem colaborar".

Aproveitando seus conhecimentos de museologia, Esther de Almeida organizou o museu, fichando cada peça, de acordo com o local onde foi recolhida, o material de que é feita e por quem foi feita. Além disso, o museu já conta com vasta coleção de slides tirados durante os nove anos em que a Baronesa preside a Comissão Municipal de Folclore do Guarujá.

ARTE DO ESMALTE

Veleda e Carlos Marques

Congratulam-se com a realização do IX
Festival de Folclore e Artesanato de
Guarujá

Atelier - Rua A, nº 42 - Jardim Las
Palmas - fone 91804 - GUARUJÁ

Gráfica Progresso

Técnica Gráfica a seu serviço

Saúda Guarujá pela passagem de mais um
Festival de Folclore e Artesanato.

GUARUJÁ - SP

Há também uma biblioteca, gravações, fotografias, além de uma parte somente de quadros com motivos folclóricos. Tudo isso, com um único objetivo: o estudo.

"Tenho visitado vários museus de folclore, como de Artes e Técnicas populares de Paris, onde realmente se estuda. É isso que eu quero. Temos aqui peças de todo o país, desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul e temos também um bom número de peças típicas do Guarujá. Meu objetivo é que o museu seja um lugar de estudos e não um lugar de mostrar peças, morto".

Ela acredita que hoje, o conceito de museu

modificou-se. É dinâmico. Mas apesar do interesse que muitos tem demonstrado pelo museu, como as várias escolas que programaram visitas, Esther de Almeida encontra dificuldades na sua manutenção: "Ele é um museu particular e até hoje não tenho condições de manter um guarda e um orientador. Eu mesma faço esse trabalho e nem sempre estou disponível".

Mesmo assim, ela continua acumulando peças e instalando-as no museu. Fazendo o possível para conciliar seu horário de trabalho com as visitas, tão solicitadas e esperando que um dia receba apoio oficial para tornar o museu público.

FOLCLORE ONTEM E HOJE

HELIO DAMANTE

Da Comissão Paulista de Folclore

A 22 de agosto de 1846, William John Thomaz empregou pela primeira vez a palavra FOLCLORE, na revista londrina "Atheneum" que circulou naquela data. Folk quer dizer povo (daí a expressão cultura de folk, isto é, cultura popular); lore, quer dizer ciência. Portanto, folclore é a ciência do povo e também a ciência da psicologia popular, jacente no "inconsciente coletivo" da teoria de Jung.

A palavra criada por Thomaz há 130 anos, além de dar origem a uma nova especialização (discute-se ainda se o folclore é ou não uma ciência autônoma), justifica o fato de o dia 22 de agosto ser considerado o "Dia do Folclore" e o mês de agosto o "Mês do Folclore".

Curioso notar como o mês de agosto tem no Brasil grande significado folclórico. É em si mesmo uma fato folclórico. É considerado mês aziago e "mês do cachorro louco" (devido à estação seca nele aumenta a incidência da raiva ou hidrofobia). 'Agosto, mês de desgosto', diz o povo numa rima forçada.

Liga-se ao sebastianismo: numa primeira segunda-feira de agosto morreu el-rei Dom Sebastião, cuja volta ou ressurreição, em Portugal e no Brasil, se constituíram num símbolo das aspirações populares de liberdade e justiça. Tanto a primeira segunda-feira de agosto (nas áreas rurais), como o dia 13 e sobretudo as sextas-feiras e a sexta-feira 13, são por isso considerados, ainda hoje, o cúmulo do azar...

Por onde se vê a riqueza do folclore. Encontramos precursores dos estudos folclóricos entre os gregos, naturalmente, com todo o seu universo mitológico; os clássicos franceses, como o escritor Montaigne e entre nós Hans Staden (Viagem ao Brasil) e Anchieta, em suas

cartas e crônicas. Os jesuitas aproveitaram o folclore indígena no seu trabalho missionário.

Diretamente da Idade Média e de seu "estado de cristandade", herdamos nossas congadas, cavalhadas, reizados, naus-catarinetas etc. E apenas lembremos a nossa herança negra, moura e indígena.

O folclore interessa à economia (artesanal), à história, à religião, à literatura, ao canto, à música e às artes plásticas em geral. Interessa sobretudo à antropologia e às ciências sociais — além da Literatura, da História e da Linguagem — por ser essencialmente um estudo da comunidade, dos grupos sociais.

Apesar das mudanças intensas decorrentes da urbanização e das comunicações de massa (rádio e TV em especial), sempre haverá folclore, porque sempre haverá povo. Em meio às grandes transformações sociais, o povo sempre encontra novas formas de expressar a sua alma, os seus sentimentos e aspirações. Um exemplo eloquente está nos dísticos dos parachoques de caminhões, tão cheios de sabedoria e graça. E isto é folclore.

De resto, modificações são inevitáveis; o folclore não é estático, mas essencialmente dinâmico. O que é preciso é saber distinguir o folclore das "falsificações", como os "caipiras" do rádio e dos circos e da comercialização de suas manifestações, a qual já atinge até a Umbanda, a Capoeira e o Carnaval.

Um exemplo de como proceder diante das ameaças de descaracterização do nosso povo, temos-lo certamente na Comissão Municipal de Folclore do Guarujá, estimulando a pesquisa e mantendo vivos os grupos autênticos e a criatividade artesanal populares.

São Paulo, agosto de 1976.

“Uma experiencia em levantamento de folclore”

(súmula de um trabalho da Baronesa Karwinski -
dona Esther Sant'Anna de Almeida)

«Se eu não falar do folclore de Guarujá, quem irá fazê-lo?» - pergunta há muito tempo a baronesa Karwinsky, dona Esther Sant'Anna de Almeida - presidente da Comissão Municipal de Folclore e Artesanato de Guarujá. Há oito anos ela está tentando esgotar o levantamento sobre o folclore de Guarujá.

A revelação de tradições e manifestações folclóricas começou em janeiro de 1968, quando foi realizado um curso de folclore (professor Rossini Tavares de Lima), no Museu do Folclore, em São Paulo. E surgiram, então, as primeiras pesquisas - apesar de se utilizarem meios rudimentares para isso.

Como se iniciasse uma longa viagem: ela começou em março de 1968, sobre um velho caminhão dirigido pelo senhor Campos. A bordo, Esther Sant'Anna de Almeida, e uma equipe de voluntárias, formada pelas professoras Mercedes Contatori, Liliam Rabelo, Júlia Antonieta Gozzoli e Ramona Nostri - do Instituto de Menores Santa Emília. E o velho caminhão venceu estradas e atalhos perdidos no interior da ilha de Santo Amaro, à procura de artesãos - que a baroneza chama de «nossos heróis anônimos».

Início gratificante: encontraram, logo, lá pelos lados da estrada Guarujá-Bertioga (km 19), o velho pescador Pedro Leandro, fazendo suas tarrafas, rêdes e samburás; o Ceará, que além de pescador é um grande apreciador de cachaça, e seus enormes balaios; o Parafuso, que mais tarde foi assassinado: ele havia construído seu barraco de pau-a-pique, e lá dentro fazia suas próprias canoas, remos, cercos para viveiros de peixes e samburás.

E outros foram surgindo.

Em Vicente de Carvalho, os irmãos Ivo e Ivã, fazedores de peças primitivas de barro; dona Otilia, e suas peças utilitárias - também de barro; dona Júlia Montanari, senhora analfabeta - «e mãos de fada» - que fazia toalhas de abrolhos e colchas de crochê.

O esforço da equipe foi reconhecido pelo prefeito da época, Jayne Daige, que acabou criando a comissão municipal do folclore, e artesanato, em dezembro de 1969. Porém, apesar da oficialização, a entidade não ga-

nhou verbas. O dinheiro saía do bolso do pessoal que pesquisava; e da ajuda de comerciantes.

Depois do mês do folclore, em agosto de 1971, o interventor federal Brenno de Toledo Leite concedeu a primeira verba para a Comissão: 20 mil cruzeiros; que em 1975 era já de 50 mil e para este ano, há um pedido de 100 mil.

A qualidade do artesanato «descoberto» era excelente, em especial quanto a trançados de cipó, taboa e bambu: objetos feitos por artesãos que residem em barracos à beira da Guarujá-Bertioga, vivendo exclusivamente de seu trabalho artesanal: bôlsas, cestas, balaios, sandálias, chapéus e tapêtes. Na praia da Pouca Farinha (Santa Cruz dos Navegantes), famílias que se dedicam à cestas e balaios para transporte de peixes; redes de pesca e tarrafas, por pescadores do Perequê, Praia do Tombo, Pouca Farinha e Vicente de Carvalho (tudo para uso próprio).

Na Praia do Perequê, Nascimento faz esculturas de madeira: santos, índios e personagens imaginários, pilões e mastros ornamentados - para as festas de São João e São Pedro. Na Vila Lígia, o alagoano José Ribeiro, que faz carrancas com raízes. Em Vicente de Carvalho, os irmãos Ivo e Ivã modelam pescadores com seus samburás e prêtos velhos. Maria José Ojeda, especializou-se nos últimos anos em figuras de presépios de formas nada convencionais, que lembram obras de Aleijadinho.

HABITAÇÃO

Ainda existem ranchos de pau-a-pique à beira da estrada Guarujá-Bertioga, bem como nas praias mais distantes. Recentemente ainda, havia na Praia do Tombo toda uma população de pescadores que tinham construído suas casas de tábuas de madeira, de tipo porta e janela, com telhado de duas águas, das quais poucas subsistem hoje. Em volta das casas existiam plantas medicinais, das quais se utilizavam, pois são grandes conhecedores; arvoredos, arbustos e ervas completavam o ambiente típico que, infelizmente desapareceu tragado pelo progresso, que em seis meses destruiu implacavel-

mente a vida tranquila de numerosas famílias caiçaras.

Culinária

Estamos realizando, há algum tempo, um estudo pormenorizado da culinária regional. De um modo geral, constatamos que ao lado da alimentação típica do caiçara, cujas manifestações mais características são o peixe azul - marinho, a tainha assada ou seca e bolinhos de fubá, existe toda a rica e variada cozinha baiana e nordestina, trazida para o Guarujá, e principalmente Vicente de Carvalho por imigrantes nordestinos aqui radicados. Em Vicente de Carvalho até existe comércio especializado na venda de todos os ingredientes típicos desta alimentação, especialmente trazidos de seus lugares de origem.

Voltando à culinária caiçara, o peixe azul - marinho é prato reservado às grandes ocasiões, ou para quando um amigo caiçara quer homenagear a gente. O nome provém do pirão de cor escura que acompanha o prato: sua base é de banana verde, cozida junto com as postas de peixe. Quando tudo está bem macio, pouco antes de servir, retiram-se as postas de peixe, misturando-se ao molho, com bananas já amolecidas e desmanchadas, farinha de mandioca.

Depois de pronto, o pirão é despejado na travessa na qual o peixe já está colocado. Fomos convidados a saborear este prato, uma vez, por uma família da Praia St^a Cruz dos Navegantes, e outra, por Andreilino Ramos, ex-pescador da Praia do Tombo, o que nos permitiu verificar que este prato típico de nossa culinária é realmente dos mais saborosos.

A tainha, salgada e seca ao sol em varas, é outra especialidade dos nossos pescadores. Serve de reserva alimentar para épocas menos piscosas. Junho é a principal estação da pescaria das tainhas e, nas festas de São João e de São Pedro da Praia do Tombo, são elas assadas nas brasas das fogueiras.

As broinhas e os bolos de fubá, especialmente da Praia de St^a Cruz dos Navegantes, feitos por Dn^a Antonia de Oliveira, dona de bar na praia, são famosos.

Os espetinhos de camarão e filés de peixe da Praia do Perequê fazem também parte de nossa culinária típica regional.

Pesca

A pesca local ainda é feita, em parte, por canoas primitivas, e batelões a remo, utilizando o pescador tarrafas e redes. Na Praia do Guarujá e do Tombo, ainda hoje o pescador Elegar Oliveira vai jogar sua rede em barco a remo. Na Praia do Perequê vemos diariamente pela manhã, ao lado dos modernos barcos a motor canoas a remo que se dirigem ao largo para pescarias, em busca de peixes e camarões, vendidos em seguida por peso ou preparado no local pelas caiçaras, para serem servidos nas barracas e

bares

Do lado direito do canal da Bertioga, também podemos observar pesca artesanal, Na Praia da Enseada, que se torna cada dia mais sofisticada, em certas épocas e sempre à tarde podemos ver o espetáculo belíssimo de puxada de rede.

Transportes

Em Vicente de Carvalho, ainda existem em grande número carroças e carrocinhas de tração animal, bem como charretes. As canoas a remo, especialmente do lado do Perequê, servem também para transportar os pescadores que embarcam em grandes barcos de pesca que, devido a seu calado, não podem aproximar-se da praia.

O acesso a locais sem comunicação terrestre, como a Praia de Sta. Cruz dos Navegantes, se efetua principalmente por barcos a motor; mas ainda existem moradores que se utilizam para a travessia da canoa a remo feita por eles mesmos.

Danças

Uma das riquíssimas folclóricas notáveis de Guarujá é a sobrevivência do fandango, cuja prática regular existia até 1974 na Praia do Tombo. Os executantes eram um grupo de moradores antigos desta praia, liderados por Andreilino Ramos, chefe, ensaiador, dançador e tocador de viola do grupo. Diz Andreilino que, antigamente, havia grande interesse de todos para dança do fandango, mas hoje os moços nem ligam e, se não fosse o interesse manifestado pela CMFA (inclusive, fornecendo roupas), acredita que estas já teriam acabado há muito. Andreilino cita os nomes dos grandes tocadores, alguns ainda firmes, mas que vão desaparecendo aos poucos: Silvio Roque, Benedito Maurílio, Manoel Maurílio, Agenor, Leonidas, Messias, Barnabé.

Os dançadores são filhos, netos, sobrinhos e cunhados de Andreilino. Entre as 25 danças do fandango, conhecidas por Andreilino e seu grupo, os números preferidos eram Vilão de Lenço, que é apenas dançado sem canto; Ciranda, um fandango valsado e cantado; Caranguejo, fandango valsado, sapateado e palmeado; Panela de Arroz; e O Chapéu.

Além destes, Andreilino ainda forneceu a seguinte relação de nomes de antigos fandangos: Bate-Pé, Recortado, Passurinho, Sarabalha, Sinha-minha, Tonta, Marrafa, São Gonçalo, Chimarrita, Puladinho, João Bambú, Alecrim, Chots, Pau de Fita, Caiapô, Mazurca, Porca, Canoa, Canaverde, Caboclo e Jongo.

Tendo se mudado da Praia do Tombo, este grupo suspendeu por ora suas apresentações, havendo porém interesse do mesmo e da CMFA em reuni-lo novamente na medida do possível.

Além do fandango, o folclore de Guarujá inclui ainda:

Pau de Fita, praticado na Praia dos Navegantes sera ensaiado e dirigido pelo Sr. Barnabé de Oliveira. Depois de seu falecimento em 1974, sua esposa e filha o substituíram. Temos alguns diapositivos desta manifestação, pesquisada em 1917. A CMFA tem dado ao Pau de Fita da Praia dos Navegantes todo o incentivo que merece, fornecendo anualmente vestimentas, calçados e condução; a apresentação do Grupo já se fez em Cubatão e São Paulo, cujas Prefeituras o convidaram em 1972 e 1973. No Guarujá, sua apresentação faz parte dos festivais anuais de folclore.

Folguedos

O Reisado e Bumba-meu-boi de Sergipe foi levantado em 1973 e prestigiado pela CMFA, que forneceu equipamento ao grupo. O Reisado se apresenta com trajes vistosos, coloridos e enfeitados. Os vestidos são de cetim brilhante, verde ou vermelho; dos ombros caem fitas de várias cores. O chapéu é de palha, forrado do mesmo tecido do vestido, e enfeitado de flores, fitas lantejoulas e espelhos. O espelho serve de amuleto: todo mau olhar que nele bater retornará para quem o tenha lançado. Os vestidos precisam de constantes reformas, pois durante as apresentações os espectadores costumam arrancar fitas das vestes como recordação. Este grupo tem se apresentando em várias oportunidades em Guarujá, e convite nas cidades de Sorocaba, Presidente Prudente, Santos e São Paulo.

Melhor de que mera descrição, os diapositivos que projetaremos mostrarão este bellissimo folguedo do Jardim Primavera, que se tornou um dos grandes atrativos dos nossos festivais de folclore.

O Bumba-meu-Boi do Piauí,

ensaiado por Dona Noemia, nordestina radicada em Vicente de Carvalho, se apresentou numa de nossas festas natalinas. Entretanto, os participantes deste grupo ainda não se integram de corpo e alma à brincadeira, como o fazem os sergipanos. A CMFA procura dar condições de continuidade a este grupo.

Jogo de capoeira

Em 1974, pesquisamos a capoeira de Mestre Sombra e Mestre Corisco em Vicente de Carvalho. Em 1975, foi realizada a 1.ª apresentação ao público, no Guarujá Praia Clube, no Dia do Município, com grande êxito junto aos espectadores.

Grupos peditórios

Folia do Divino

Antigamente no Guarujá, a Festa do Divino era de grande interesse, principalmente no Perequê, Praia da Enseada, Praia do Tombo.

Depois de 1928, a festa foi desaparecendo e quase se extinguiu, não fosse o pessoal da Prainha Branca cujo grande animador é o Sr. Hermogenes Maciel. Em 1969, a CMFA foi informada da existência desta manifestação e para lá rumamos. Encontramos o grupo quase sem instrumentos; demos ao Sr. Benedito uma caixa e, para o Sr. Maciel, obtivemos da firma Tranquilo e Gianini a doação de um belo violão. Ainda em 1969, o grupo da Prainha Branca se apresentou na I Exposição de Presépios de Guarujá. Continua a vir ocasionalmente à cidade, mas preferimos assistir a suas festas no local, na Prainha Branca.

Em 1974, foi convidado a apresentar-se na Faculdade de Dom Domênico a pedido da Prof^a Margarida Rosa de Lima e seus alunos. Apresentaremos gravações e diapositivos deste grupo.

Folia de Reis

Localizamos este grupo na Praia do Tombo, graças ao pescador Andreelino Ramos, que, sabendo do nosso interesse por este genero de pesquisas, nos indicou sua existência. A partir de 1970, a Folia de Reis participou de todas nossas Exposições de Presépios e em festivais.

Todos os anos, da Véspera de Natal até Reis, este grupo sai para visitar os amigos e cantar os versos do «Rei», que assim se iniciam:

Meu honrado cidadão
Boa noite vim lhe dar
Vim trazer os três Rei
Que veio lhe visitar.

Muito embora se tenha mudado da Praia do Tombo em meados de 1974, o grupo ainda visita e canta para os seus amigos nesta praia.

Nosso arquivo inclui fotografias em cores em preto-e-branco deste grupo, bem como gravações em fita magnética.

Festas tradicionais de origem católica

As grandes festas típicas do Ciclo de São João ainda existem na Praia dos Navegantes, Praia do Tombo e Perequê, e são prestigiadas pela CMFA.

Na Praia de **Santa Cruz dos Navegantes**, os moradores festejam, em particular, São Pedro, protetor dos pescadores.

Na Praia do Tombo, foram festejados, com grande alegria e de maneira tradicional, Santo Antonio, São João e São Pedro, até 1974, inclusive. Fogueira acesa às 18,00 horas (enquanto o santo está dormindo), fogos, barraquinhas com bebidas e comidas típicas, levantamento do mastro em solenidade especial com ladainhas, foguetes e música, e baile onde só se dançava o fandango. Havia os festeiros: o Rei, a Rainha, madrinha da bandeira, capitão do mastro, capitão da fogueira, alferes do mastro e o

mordomo, (que é sempre o Snr. Andrelino) que tudo providenciava. Infelizmente, com a mudança dos pescadores, em 1975 os santos foram apenas homenageados com fogueira, levantamento de mastro e distribuição de comida e bebida típica feita por um casal de caixas que ainda reside na praia. Temos esperança de reativar estes festejos no local para onde se mudaram os moradores da Praia do Tombo.

Na **Praia do Perequê**, a Procissão Marítima de São Pedro, realizada pelos caixas da região, é prestigiada há três anos pela CMFA. Este ano 1976 e graças a nossa divulgação, constituiu-se em sucesso turístico, com numeroso público comparecendo além das famílias dos pescadores, acompanhando a procissão em barcos graciosamente fornecidos pelos caixas. Nesta oportunidade é cantada e tocada a «Folia de São Pedro», por antigos caixas do local. Cabe assinalar ainda:

- A procissão Marítima de N.S. dos Navegantes, realizada a 15 de agosto na Praia Santa Cruz dos Navegantes.

- A Prainha Branca realiza todos os anos, sob o patrocínio da CMFA, a festa de sua padroeira, N.S. Aparecida, a 8 de dezembro. Os festeiros são nomeados cada ano durante a festa e antecipadamente, tratam dos detalhes; angariam dinheiro, preparam as prendas para o leilão, arrumam a igreja, etc. A festa se inicia às 18,00 horas com procissão, cânticos e rezas. Seu ponto culminante é a subida do mastro; para içá-lo são necessários mais de trinta homens. Um morteiro, quase tiro de canhão, festeja o acontecimento. Segue-se o leilão de comidas e bebidas-típicas e o baile em três locais diferentes. Numa das casas, os mais velhos dançam o fandango ao som dos violões, violas e pandeiros. Os moços, infelizmente, preferem o yê-yê-yê no pátio da escola, numa algarra infernal.

Estas festas são documentadas por fotografias; sua gravação ficou medíocre, devido às condições locais.

A umbanda

Guarujá e o seu distrito de Vicente de Carvalho contam com inúmeros terreiros que realizam periodicamente suas festas de santo. Temos observado, em particular e a convite de suas Mães de Santo, o Centro Espírita Pai João de Caridade, de Dona Lurdes, e o Terreiro 7 Pedras Brancas. Apresentaremos, deste último terreiro, diapositivos da festa comemorando os 35 anos de Mãe de Santo da Babá Catita.

O candomblé

Há vários na Ilha de Santo Amaro. Temos pesquisado, especialmente, o do Pai Bobó, em Vicente de Carvalho, de ritual queto. Os slides que apresentaremos são festas máxima deste candomblé:

Iansã, orixá do Pai Bobó, que se realiza em 18 de setembro.

Literatura

Quanto às manifestações do folclore na literatura, recolhemos num caderno letras de fandango, quadrinhas, cânticos religiosos, duas versões da Folia de Reis e um canto humorístico, o pasquim do Aymoré. Considero precioso este caderno, pois tudo foi ditado por Andrelino Ramos, autêntico portador de folclore.

Os textos aguardam oportunidade para sua publicação.

Possuímos ainda gravação do pasquim do aeroplano, cantado pelo versista Benedito Bento, que se diz autor dos versos e músicas do mesmo.

De Dn^a Noêmia, já referida a propósito do Bumba-meu-Boi do Piauí, recolhemos diálogos do mesmo e letras das Pastorinhas.

Contos de assombração

Como uma boa ilha que se preza, a nossa está cheia de grutas mal assombradas, histórias de gritos de dor de escravos, padre bom que teve a cabeça decepada, fogo que corre de morro em morro e outras mais. Na Praia do Tombo, principalmente, contam que se ouvem lamentos de escravos velhos, desobedientes ou fugitivos que foram lançados acorrentados ao mar, pelos feitores malvados.

Moradores da mesma praia falam também do padre que aparece de dia ou de noite e tenta, no Morro do Outeiro, contar onde está um tesouro que ele escondeu.

Em certos dias se ouve o ronco do trator que rolou pelo morro da vila Baiana e matou o tratorista. O falecido Barnabé falou de enterro com velas e acompanhantes, à meia noite, na Praia do Tombo, onde residia, e também da galinha de pintinhos que atacava a partir da meia noite, os pescadores que levavam seus peixes da Praia do Guaiuba à estação da via férrea. A Ilha da Moela o morro do Maluf e muitos outros lugares com cavernas foram locais preferidos pelos piratas e deram origem a histórias que ainda

hoje assustam as crianças do Guaiuba, conforme constatei uma tardezinha na casa de um morador desta praia.

Gravamos algumas destas histórias de assombração, narradas por Barnabé.

Lendas

Muito comovente é a lenda da índia da tribo Guarujá e do índio da tribo Perequê (Cunhambesé) que se encontravam, às escondidas, na caverna da Pedra do Sôbre as Ondas. A indiazinha morreu afogada na Praia do Tombo e até hoje há pessoas que dizem ter ouvido lamentos e choros no local e que, por isto, esta praia é mal assombrada. Esta lenda foi descrita por alunos do CENE Raquel de Castro Ferreira, num Concurso de Redação instituído pela CMFA em 1974.

medicina popular

Pesquisamos as muitas ervas secas, vendidas pelo ervatário **Bahia**, em sua carrocinha puxada por um cavalo, que fica estacionada nas proximidades da estação de barcas de Vicente de Carvalho. O comércio deve ser próspero pois, constantemente, se vêm fregueses no local e o Bahia já arran-

jou outra barraquinha do outro lado do estuário. Além das ervas, também expõe raízes, óleos de peixe boi, peixe elétrico, couro de animais, unguentos da flora amazônica e garrafadas, específicas para vários males (fraqueza dos pulmões, impotência, bronquite, etc).

Nos quintais das casas não faltam o manjerição, a espada de S. Jorge e de S. Bárbara, as boninas, erva cidreira e outras ervas verdes, usadas em infusão, como primeiro remédio ou auxiliares dose receitados pelos médicos. Para dor de dente, Dn^a Maria Oliveira, ex-moradora da Praia do Tombo, tem um remédio infalível, o alho colocado no pulso; quando a pele estiver queimada, e só ir pondo folhas de bonina (documentado por slide).

Os benzimentos e passes ajudam os que se desesperam da cura dos doutores. Parece que também são eficazes para distúrbios mentais. Está muito difundida a crença de que as entidades espirituais curam os seus devotos: os pretos velhos, cablocos e orixás, por intermédio das filhas e mães de Santo, os babalorixás e ialorixás indicam certas ervas que, usadas em banhos e defumações preservam os fiéis de todos os males: é a medicina preventiva funcionando...

RESTAURANTE MONDUBA

Nós Também nos congratulamos com todos aqueles que se preocupam em incentivar o artesanato de Guarujá

Av. Marechal Deodoro da Fonseca, 1392
Fone - 90302 — GUARUJA'

Escultura, cerâmica, arte do esmalte, pinturas e muito folclore foram mostrados durante este IX Festival de Folclore e Artesanato de Guarujá.

Todos sentimos a importância desse instrumento cultural e a necessidade de incentivar cada vez mais todos os nossos valores locais.

Nesta oportunidade, congratulamo-nos com os organizadores de mais este Festival pelo sucesso alcançado.

Jairo dos Santos

Gerente da Agência Unibanco de Guarujá

Estamos nos preocupando em preservar as Manifestações Folclóricas e o Artesanato de Guarujá.

E estamos convictos de que, através do apoio às manifestações culturais de nosso povo, construiremos o futuro desta cidade.

Guarujá, agosto de 1976

Raphael Vitiello
Prefeito Municipal

Dante Sinopolis
Vice-Prefeito

CÂMARA MUNICIPAL DE GUARUJÁ

Saúda o município de Guarujá pela realização do IX Festival de Folclore e Artesanato de Guarujá

Samuel de Góes - Presidente
Eudes José de Queiroz
Aristides Buciano
Domingo Baraçal
João Reis Guimarães
José Dias Brandão
José Rodrigues da Silva
Miguel Silva
Rubens Cáfaró
Walter Gonçalves
Alberto Marques
Demir Triunfo Moreira
Mozart Cordeiro
José Bonfim de Carvalho
Roberto Nascimento